



Resenha

Ensino de Língua Inglesa: conversas com professores da escola pública

English Language Teaching: conversations with public school teachers

Vânia Romancini MUSACHI*

As questões relacionadas ao ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, no contexto da língua inglesa (LI), são fatos que têm fascinado e atraído olhares de estudiosos da Linguística Aplicada (LA). Esses profissionais se dedicam a esses estudos na perspectiva de demonstrarem a importância da linguagem na formação discente e no contexto em que vivemos. De acordo com Spink e Medrado (2004), é através da linguagem que nos é possível transitar por inúmeros contextos e vivenciar diversas situações.

Nessa perspectiva, o livro organizado por Diógenes Cândido de Lima¹ *Ensino de Língua Inglesa: conversa com professores da escola pública* nos mostra a pluralidade da reflexão de professores dessa rede sobre o processo de ensino-aprendizagem da LI. Ademais, complementa muitos trabalhos desenvolvidos nessa área e, como argumenta o próprio organizador, fornece ao seu/sua leitor/a “subsídios para uma maior reflexão acerca do ensino e aprendizagem de línguas nesse mundo desterritorializado, híbrido, globalizado, enfim sem fronteiras” (LIMA, 2017, p. 18).

* Mestranda em Letras (UNEMAT/Sinop). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8062-0346.vania.ufmt@gmail.com>.

¹ Professor pleno de Língua Inglesa e de Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. É vice coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens e coordenador do curso de especialização em Inglês como Língua Estrangeira. Autor de diversas obras, dentre elas: *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas* (2009), *Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas* (2010), *Inglês em Escolas Públicas não Funciona? Uma questão, múltiplos olhares* (2011).

Na apresentação, o organizador expõe as temáticas das perguntas, sendo elas: a formação profissional e crítica do professor de línguas, tarefas colaborativas, identidades sociais de raça gênero e classe, abordagem intercultural, uso das tecnologias digitais, práticas pedagógicas, estrangeirismos, aprendizagem autônoma, experiências e possibilidades transformadoras, motivação, habilidades linguísticas, pesquisa, inglês como língua franca e sua expansão, entre outras. É um vasto universo capaz de agradar a todos os amantes da LA voltada para o ensino de línguas, sendo que as perguntas e respostas estão embasadas e respaldadas num “arcabouço teórico do mais alto rigor acadêmico” (LIMA, 2017, p. 23).

A obra resulta da participação de vinte e três professores-pesquisadores renomados da área de LA, de diversos estados brasileiros que, a convite de Diógenes, elaboraram questões variadas sobre as mais diversas abordagens e temas sobre o processo de ensino e aprendizagem da LI. Conta também com vinte e três professores de escolas públicas que vivenciam o dia a dia da sala de aula que, ao responderem as questões propostas, ganham vozes para expressarem suas vivências, experiências e saberes sobre o ensino e aprendizagem dessa língua.

No ano de 2009, Diógenes lançou um livro semelhante, intitulado *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*, no qual os professores de LI da rede pública e particular fizeram a pesquisadores da LA perguntas relacionadas às suas práticas docentes. Como a obra foi um sucesso, os professores sugeriram ao autor fazer o inverso, que em um novo título os pesquisadores e estudiosos da LA elaborassem questões para que os professores da escola pública o respondessem, dessa forma Diógenes encabeçou a organização desse grandioso projeto. Grandioso em dois aspectos: quantidade de páginas, o livro possui 411 páginas, e qualidade de conteúdo, pois os questionamentos e respostas constantes na obra servem como um guia que leva o leitor a ampliar sua visão sobre os temas e, conseqüentemente, a abrir muitas portas do saber.

Ao realizar o diálogo entre pesquisadores e professores da rede pública, Diógenes nos proporciona uma leitura leve, instigante e muito agradável, através da qual nos identificamos, pois, na verdade, esses professores-autores são pessoas que representam milhares de outros professores, com as mesmas vivências, angústias e dúvidas, além de procurarem, através de constantes estudos e formações, realizar um trabalho de excelência no processo de ensino e aprendizagem da língua-alvo.

No tocante à formação do profissional, Leffa (2008) salienta que o professor de línguas precisa estar em contínua formação, renovando e atualizando-se, não somente pelo fato de ter que acompanhar um mundo em constante mudança, mas por ter que ser capaz de provocar mudanças.

Nesse sentido, o livro que ora apresentamos vem justamente com o intuito de provocar mudanças na prática docente, oferecendo ao leitor contribuições significativas, tanto do ponto de vista das questões propostas pelos professores-pesquisadores, quanto por parte das respostas dos professores das escolas públicas, que, no decorrer de seus diálogos, falam de suas motivações, de suas experiências no ambiente escolar, exemplificando suas práticas, conduzindo-nos por narrativas da vida real de um professor de LI da rede pública.

E para manter o rigor acadêmico almejado por Diógenes, os elaboradores das questões são esses célebres nomes da Linguística Aplicada no Brasil: Adelaide Augusta Pereira de Oliveira, Ana Maria Ferreira Barcelos, Ana Antônia Assis-Peterson, Aparecida de Jesus Ferreira, Christine Siqueira Nicolaides, Claudia Hilsdorf Rocha, Daniel de Mello Ferraz, Denise Chaves de Menezes Scheyerl, Diógenes Cândido de Lima, Domingos Sávio Pimentel Siqueira, Eladyr Maria Noberto da Silva, Giêdra Ferreira Cruz, John Robert Schmitz, Kanavillil Rajagopalan, Laura Stella Miccoli, Luciano Amaral, Sérgio Ifa, Sueid Fauaze Moreira, Vanderlei J. Zacchi, Vera Menezes de Oliveira e Paiva, Vilson J. Leffa, Walkyria Maria Monte Mor. Com um time

deste nível, com certeza essa obra entra no mercado com um grande diferencial, o de valorizar a heterogeneidade!

A primeira pergunta apresentada na obra é a de Ana Maria Ferreira Barcelos, que enfatiza que o trabalho do professor envolve lidar com suas emoções e com as de seus alunos. A autora questiona sobre o impacto das emoções sobre as crenças do professor e como ele se vê enquanto professor de inglês, e vai além: questiona se a formação do professor poderia ter preparado-o para lidar com as emoções da profissão. Corroborando com Barcelos, Silva (2007, p. 255) acrescenta que “as crenças [...] têm inúmeras implicações para o processo de ensino e aprendizagem de línguas e para a formação de professores”.

Adelaide Oliveira também traz para a obra a questão da motivação. Elabora seu questionamento ao professor da escola pública sobre o que o motiva a continuar o seu trabalho e como ele consegue superar as dificuldades e manter-se animado. A questão de Laura Miccoli, intitulada *Conte um caso bom: experiências e possibilidades transformadoras nas aulas de línguas* visa ouvir o professor sobre as pequenas coisas que faz e que transforma salas de aula em espaços de aprendizagem, criando impacto e motivação para alunos e para eles mesmos. Nesse cenário, Fernández e Callegari (2010, p. 48) salientam que:

[...] cabe ao professor, dentro de suas possibilidades, o máximo esforço possível para manter a motivação dos alunos que já a têm e despertá-la nos que se encontram desmotivados. É preciso ponderar, entretanto, que não há e não vai haver nenhuma receita mágica que possa ser usada por todos os professores, com todos os alunos, em quaisquer situações.

Assim como essas, muitas outras perguntas são realizadas no decorrer dessa obra, que seduz o leitor, propiciando conhecimento e despertando o interesse em querer ouvir as vozes que falam da realidade do ensino da LI na rede pública de vários cantos do país. Essas vozes ecoam as dificuldades encontradas pelos professores no

âmbito escolar, que vão desde dificuldades materiais, como falta de tomadas em sala de aulas para ligarem um aparelho de som, salas numerosas, falta de material didático, a estrutura pouco atrativa da escola, reduzida carga horária da disciplina, até as dificuldades de descrença dos alunos, pais, direção, e até mesmo de professores no ensino da LI na rede pública de ensino.

No entanto, Diógenes, com sua iniciativa em organizar essa obra, vem nos mostrar que temos professores comprometidos e interessados, que apesar de elucidarem essas dificuldades, buscam caminhos que visam uma aprendizagem autônoma e significativa, que ultrapasse os muros da escola.

Nessa abordagem, o livro nos traz discussões sobre o uso das tecnologias em sala de aula na tentativa de aliá-las ao processo de ensino-aprendizagem. O pesquisador Vanderlei Zacchi questiona sobre *Jogos digitais no processo de ensino aprendizagem*; Vilson J. Leffa aborda *O uso do celular na aprendizagem de línguas* e Cláudia Hilsdorf Rocha dialoga sobre as *Tecnologias digitais nas aulas de língua estrangeira*; nessas circunstâncias, os professores abordam a necessidade do letramento digital e versam sobre o diferencial que é proporcionado às aulas de língua inglesa com a inserção dos recursos tecnológicos. Argumentam que essas são ferramentas poderosas para estimular a autonomia, a motivação e a interação e, conseqüentemente, potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

O estudo sobre o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) é hoje um tema essencial e já consagrado no âmbito de pesquisas em LA, pois, com o advento da tecnologia digital, torna-se impossível não tocar nesse assunto dentro dos muros da escola. Nossos alunos fazem parte de uma geração chamada “nativos digitais”, conforme denominação de Prensky (2001, p. 1), “Nossos estudantes hoje são todos ‘falantes nativos’ da linguagem digital dos computadores, vídeo games

e Internet”². Enquanto a geração de muitos professores é denominada por Prensky (2001, p. 1-2) como Imigrantes Digitais, quando se fala sobre “aqueles que não nasceram dentro do mundo digital, mas em algum momento de suas vidas, ficaram fascinados e adotaram muitos ou a maioria dos aspectos de uma nova tecnologia, sempre serão comparados a eles como Imigrantes Digitais”³.

A partir desse ponto de vista, são compreensíveis as respostas fornecidas pelos professores às questões propostas pelos especialistas, quando enfatizam a necessidade da formação continuada e apontam, em muitas das questões, que a formação do professor ainda não contempla satisfatoriamente o uso das novas tecnologias e que a escola pública ainda não está devidamente adequada para suportar o processo ensino-aprendizagem através das NTIC. Carvalho, Bastos e Kruger (2000, p. 15) acreditam que:

[...] a educação em suas relações com a Tecnologia pressupõe uma rediscussão de seus fundamentos em termos de desenvolvimento curricular e formação de professores, assim como a exploração de novas formas de incrementar o processo ensino-aprendizagem.

Outros temas de suma importância no ensino e aprendizagem de línguas retratados são o processo de autonomia, letramento, práticas pedagógicas críticas e a relação entre língua e cultura presentes na pergunta de Sueid Fauaze Moreira *Cultura, Língua Estrangeira e os PCNs+*: *Será que se completam?*; na questão de Giêdra Ferreira Cruz, *Ensino-aprendizagem de língua inglesa: em busca de atitudes autônomas*; no diálogo de Ana Antônia Assis-Peterson, *Escutando o aluno*; na proposta de Denise Scheyer, *Em defesa da perspectiva intercultural crítica no ensino de línguas da escola pública* e na

² The most useful designation I have found for them is **Digital Natives**. Our students today are all “native speakers” of the digital language of computers, video games and the Internet.

³ Those of us were not born into the digital world but have, at some later point in our lives, become fascinated by and adopted many or most aspects of the new technology are, and always will be compared to them, **Digital Immigrants**.

abordagem de Christine Siqueira Nicolaidis, sobre *As possibilidades para introduzir o aprendizado autônomo no ensino básico da escola*.

Com esses questionamentos, é perceptível, em todas as respostas, a sugestão das práticas de letramentos vista pelas autoras dos artigos como um ato social e um fenômeno cultural presentes na construção de prática social, a interligação de cultura e linguagem, bem como a proposta de uma educação freireana. Esses temas dialogam com as propostas contidas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), que apontam que o:

[...] conceito de letramento se afasta de uma concepção de linguagem, cultura e conhecimento como totalidades abstratas e se baseia numa visão heterogênea, plural e complexa de linguagem, de cultura e de conhecimento, visão essa sempre inserida em contextos socioculturais. Entendemos que a linguagem, quando considerada de maneira abstrata, distante e desvinculada de seus contextos socioculturais e de suas comunidades de prática, pode resultar em prejuízos graves nos âmbitos humano e pedagógico. Essa é a razão que nos leva à concepção de letramento como prática sociocultural. (BRASIL, 2006, p. 109).

As respostas abordam o legado da pedagogia crítica proposta por Paulo Freire, que evidencia o processo de autonomia como uma prática educacional e o desenvolvimento de uma ação crítica-reflexiva, como diz Freire (2011, p. 47) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção”. Confirmando essa ideia, Pennycook (1994, p. 311) acredita numa pedagogia crítica no ensino da LI:

[...] uma pedagogia crítica do inglês no mundo é uma tentativa de capacitar os alunos a escrever (falar, ler, ouvir) novamente. A noção de voz, portanto, não é aquela que implica qualquer uso de linguagem, o blá blá blá vazio da aula comunicativa, mas deve estar ligada a uma visão de criação e transformação de possibilidades (cf. Simon, 1987). As vozes que procuramos ajudar os alunos a encontrar e a criar são vozes insurgentes, que falam em oposição aos discursos locais e

globais que limitam e produzem as possibilidades que moldam a vida dos nossos alunos⁴.

Tendo a pedagogia crítica como base que visa capacitar e estimular o desenvolvimento do discente como ser humano e como cidadão, Luciano Amaral Oliveira, Joceli Rocha Lima e Vera Menezes de Oliveira e Paiva dialogam sobre: *O uso do português na aula de inglês; Entre ouvir, falar, ler e escrever o que, de fato, o aluno de inglês da escola pública pode ter? e; A oralidade na sala de aula*, respectivamente. Nesse contexto, os professores discutem sobre o uso da língua materna durante as aulas de inglês e das habilidades (ouvir, falar, ler e escrever) a serem desenvolvidas pelos aprendizes. Acerca disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Estrangeira nos orientam que

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição do aluno como ser discursivo [...]. Isso poderá ser feito por meio de processos de ensino e aprendizagem que envolvam o aluno na construção de significado pelo desenvolvimento de, pelo menos, uma habilidade comunicativa. É importante garantir ao aluno uma experiência singular de construção de significado pelo domínio de uma base discursiva (BRASIL, 1998, p. 19).

Com o intuito de concretizar a competência linguística e ainda possibilitar a aquisição cultural, o conhecimento de mundo e tratar das diferenças, os questionamentos *Identidades Sociais de Raça, Gênero e Classe no Ensino de Língua Inglesa*

⁴ [...] a critical pedagogy of English in the world is an attempt to enable students to write (speak, read, listen) back. The notion of voice, therefore, is not one that implies any language use, the empty babble of communicative language class, but rather must be tied to a vision of the creation and transformation of possibilities (cf. Simon, 1987). The voices that we are seeking to help students to find and to create are insurgent voices, that speak in opposition to the local and global discourses that limit and produce the possibilities that frame our students' lives (tradução nossa).

e *Educação em língua inglesa, estudos de gênero e (homos)sexualidades(s)* dos professores-pesquisadores Aparecida de Jesus Ferreira e Daniel de Mello Ferraz, respectivamente, procuram abordar experiências, resistências e políticas das identidades sociais de raça, gênero e classe na educação e situar o leitor de como esses temas estão sendo trabalhados nas escolas públicas nas aulas de LI. As respostas a essas questões dialogam com os objetivos contidos nos PCN de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998, p. 7), que indicam que os alunos devem:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Os autores abordam ainda que é nas salas de aula de nosso país que encontramos a diversidade, e falar sobre as diversas raças/etnias, gêneros e classes sociais é basicamente descrever a nossa identidade. Em seus artigos, enfatizam ainda, que saber lidar com as diferenças, promover o respeito, a valorização e a igualdade é fundamental, principalmente no ensino de LI, que tem como objetivo trabalhar uma língua universal com a finalidade de unir pessoas através da comunicação.

E é nesse sentido, de se trabalhar uma língua em constante expansão, que se faz cada dia mais presente em nosso cotidiano que questões como as de Kanavillil Rajagopalan propostas no artigo *A expansão do inglês e o desafio de ensiná-lo*; de Diógenes Cândido de Lima, *Anglicismo: como é tratado esse fenômeno na sala de aula de língua inglesa?* e; de Domingos Sávio P. Siqueira, *As pequenas revoluções que almejamos na escola pública* retratem a globalização desenfreada da LI, bem como sua presença em nosso dia a dia e os desafios de ensinar uma língua global que se mostra como instrumento poderoso e que possibilita a inserção no mundo por parte daqueles que a dominam. Rajagopalan (2013, p. 158-159) evidencia a importância desse idioma nos dias atuais:

Por que ensinar a língua inglesa? Por que é do interesse do cidadão brasileiro dominar o inglês? A resposta para essa pergunta só pode ser a de que, por bem ou por mal, a língua inglesa a é a que mais circula no mundo. No mundo globalizado em que vivemos, conhecer um pouco da língua inglesa significa ter melhores oportunidades de estudo e emprego [...].

Em se tratando de um livro que nos direciona para o processo de ensino e aprendizagem da língua que mais circula no mundo e que se encontra presente nos mais variados contextos, devido ao processo de globalização e o avanço das tecnologias digitais, perguntas que não podiam faltar nessa imponente obra de Diógenes Cândido de Lima são questões sobre a formação de professores de LI, pois diante de uma língua de circulação mundial, uma questão intrigante é como o professor de LI tem sido formado para lidar com o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula das escolas públicas do Brasil.

Embora esse seja um tema recorrente em diversas respostas durante a leitura, temos o questionamento de Sérgio Ifa, no artigo intitulado *Sonhos e conhecimentos para uma formação de professores: aprendendo com o(s) outro(s)* e no de Eladyr Maria Norberto da Silva *PIBID e a Prática Pedagógica do Professor Iniciante de Língua Inglesa*, que são indagações específicas sobre essa temática amplamente discutida no âmbito da LA.

Nessa conjuntura, as respostas abordam assuntos tanto referentes à formação inicial quanto à formação continuada do profissional, e, em relação ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (Pibid), a resposta nos mostra a importância e o valor desse Programa para o futuro docente. Dialogando com as respostas, Leffa (2015, p. 11) salienta que:

[...] é importante considerar que a formação do professor divide-se em dois grandes períodos: um inicial, de preparação para a docência, normalmente realizado nos bancos da universidade, antes de se iniciar na profissão; e um outro, de formação continuada, quando o professor

já está inserido na escola. O desafio da formação inicial é acoplar a teoria com a prática [...]. No caso da formação continuada, a união da teoria com a prática é facilitada pelo retorno a experiências já vivenciadas, tanto da prática como da teoria.

Para concluir essa magnífica obra, Diógenes traz a pergunta realizada por John Robert Schmitz (*in memoriam*): *O Inglês como Língua Franca (ILF) proposto por Jenkins (2007) é de interesse no contexto brasileiro da escola pública?* Com seu questionamento, Schmitz quer que se pense no ensino do inglês nas escolas públicas como uma língua franca. E o que seria essa língua franca? Na visão de Cox e Assis-Peterson (2001, p. 19), “o inglês é representado, subliminarmente, como uma língua universal, uma espécie de língua franca, um meio de comunicação que permite o trânsito para além das fronteiras linguísticas”. Seria, portanto, o inglês utilizado para a comunicação, sem rótulos de um inglês americano, britânico e sem insistir numa pronúncia nativa. Para Rajagopalan (2003, p. 68), podemos entender a língua franca como

As chamadas “línguas francas” do mundo moderno já não são mais línguas cujas trajetórias históricas permaneceram contínuas e sem influências externas ao longo do tempo. São todas elas forma de comunicação que tiveram origem no contato efetivo entre povos, processo que continua com maior força nos dias de hoje em razão do encurtamento do tempo e espaço que é a marca registrada do momento histórico em que vivemos.

Nessa visão, de um momento histórico de transformações, esse livro nos mostra a preocupação de professores da rede pública em provocar mudanças no ensino da LI desse contexto, visando desmistificar a crença de que não se aprende inglês na escola pública e de que o professor dessa escola está satisfeito e acomodado com o atual cenário da educação. É perceptível, durante a leitura, a busca pela qualificação e capacitação profissional, a busca por aproximar o ensino do idioma com a realidade do aluno, a busca por uma educação de qualidade e de uma prática crítica, reflexiva e autônoma.

Sobre a indicação dessa grandiosa obra, se me questionarem sobre sua leitura, sem sombras de dúvidas, minha resposta é SIM, vale a pena. Totalmente voltado para o ensino e aprendizagem da LI no âmbito da rede pública, esse é um livro para ser lido pelos futuros docentes, por aqueles que já atuam como professor de línguas, por alunos de Pós-Graduação, pesquisadores da área, enfim, uma leitura obrigatória para os amantes da Linguística Aplicada ao ensino de línguas.

Referências

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua estrangeira. Ensino fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em: 26 nov. 2018.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 2006. 239 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 26 nov. 2018.

CARVALHO, M. G.; BASTOS, J. A. de S. L.; KRUGER, E. L. de A. **Apropriação do conhecimento tecnológico**. Curitiba: CEEFET, 2000. cap. I.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. O professor de inglês entre a alienação e a emancipação. **Linguagem & ensino**, v. 4, n. 1, p. 11-36, 2001. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v4n1/c_ana.pdf. Acesso em: 17 nov. 2018.

FERNÁNDEZ, G. E.; CALLEGARI, M. V. **Estratégias motivacionais para aulas de língua estrangeira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. ed. 43. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor e línguas estrangeiras. *In*: LEFFA, V. J. (org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2. ed. Pelotas, RS: Educat, 2008. p. 353-376.

LEFFA, V. J. Prefácio. *In*: SILVA, K. A. da; MASTRELLA-DE-ADRADE, M.; PEREIRA FILHO, C. A. (org.). **A Formação de professores de línguas: políticas, projetos e parcerias**. Campinas, SP: Pontes, 2015. 277 p.

LIMA, D. C. de. (org.). **Ensino de língua inglesa: conversas com professores da escola pública**. Campinas, SP: Pontes, 2017. 411 p.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. London: Longman, 1994.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**, University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6, October 2001. DOI <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 143 p.

RAJAGOPALAN, K. O ensino de língua como parte da macro-política linguística. *In*: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (org.). **Linguística aplicada e ensino: língua e literatura**. Campinas, SP: Pontes, 2013.

SILVA, K. A. da. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na linguística aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto. **Linguagem & ensino**, v. 10, n. 1, p. 235-271, jan./jun. 2007.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2004.

Resenha recebida em: 14.03.2019

Resenha aprovada em: 29.09.2019